

A FORMULAÇÃO DA DESCONTINUIDADE NA CRÍTICA DE ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA OU A TRANSITORIEDADE DA TRADIÇÃO

Rui Jorge Garcia Ramos

Atlas da Casa | CEAU | Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Portugal

Abstract

The theme of discontinuity is frequently used as an interpretation tool of the recent Portuguese architecture. This theme and the topics related to it are adopted in a vast number of articles (between 1998 and 2005) that share common understandings on contemporary architecture. This phenomenon observed in architecture's critique is our object of reflexion. Above all, we intend to oppose ideas and presuppositions from this critique that, when not attending the historical process and the 20th century Portuguese architecture status proposes, in first place, an imprecise and hegemonic reading of the contemporary creation. In our opinion, this stance "forces" an interpretation that does not correspond to a more extensive and deep knowledge of which the 20th century Portuguese architecture allows and demands.

The critical positioning that we now discuss aims to identify a new sense in recent Portuguese architecture. In this way, architecture is seen as fragmented, discontinuous, fluid... a mapping of causality, with which it is intended to reconstruct, both the binominal form/construction of architecture, and its public sense. It intends to place the subject before a new mutant and dynamic reality, increasingly marked by an European identity and for which the Portuguese disciplinary tradition has come to find difficulties in fitting in.

This reading questions the inclusion of a notion of time in the project. In other words, the acceptance of the past and its inclusion in a line of knowledge - the tradition - as the basis of the project. This acceptance is one of a continuous movement throughout past, present and future, where the project occupies a space between what can be and what may be. Informed by the past and present, the project, without being the preparation of a future, is the conjunction of several actions that determine possibilities for the future. Without the recording of this dialectic process, the project's culture suffers from a rapid degradation, tending to abandon an intervention oriented to the qualification of our existence and of the social sphere.

In the absence of the observation of this commitment and balance within the project that runs in this time arch, the present assumes an omnipresent role in the project which, when ignoring history, allows the reconsideration that everything is permanently new. The exclusion of historical knowledge in the project's formulation, as a qualifying action of existence, not only will lead to "the destruction of the past" but also to the elevation of the present, necessarily tutored by masters and works in the leading of the new.

This essay explores the existent divergence, although enriching, between the critique/theoretical discourse about the recent production and the architectonic projects that give continuity, in their generality, to the phylogeny lines of Portuguese architecture, namely the 20th century.

O problema

O tema da descontinuidade é frequentemente usado como instrumento de interpretação da recente arquitectura portuguesa. Este tema e os tópicos que agrega são adoptados num vasto conjunto de artigos entre 1998 e 2005, partilhando entendimentos comuns sobre a arquitectura contemporânea. Este fenómeno na crítica da arquitectura é o nosso objecto de reflexão. Pretendemos, sobretudo, contrapor as ideias e pressupostos desta crítica que, ao não atender ao processo histórico e à condição da arquitectura no século XX português, propõe, antes de mais, uma leitura imprecisa e hegemónica da criação contemporânea. Em nossa opinião, esta posição "força" uma interpretação que não corresponde ao que um conhecimento mais extensivo e profundo da arquitectura portuguesa do século XX permite e exige.

O posicionamento crítico que agora discutimos pretende identificar um novo sentido na arquitectura portuguesa recente. Assim esta arquitectura é observada como fragmentada, descontínua, fluida... é um mapeamento da casualidade (supostamente arbitrada por cada autor), com o qual se pretende reconstruir quer o binómio forma/construção da arquitectura, quer o seu sentido público. Pretende colocar-se a disciplina perante uma nova realidade dinâmica e mutante, cada vez mais marcada por uma identidade europeia, e para a qual a tradição disciplinar portuguesa tem vindo a encontrar dificuldades em se adequar (GADANHO, 2005; GADANHO, PEREIRA, 2003).

Esta leitura questiona a inclusão de uma noção de tempo no projecto, entendido como acto que encontra no passado a sua alavanca e que antecipa a construção. Ou seja, a aceitação do passado e a sua inclusão numa linha de conhecimento – a tradição – como base do projecto. Esta aceitação é a de um movimento contínuo, que implica uma estrutura relacional variável entre passado, presente e futuro, onde o projecto ocupa um espaço entre o que pode ser e o que poderá ser. Informado pelo passado e presente, o projecto, não sendo a preparação de um futuro, é a conjugação de um conjunto de acções que determinam possibilidades para o futuro. Sem o registo deste processo dialéctico, a cultura do projecto sofre uma rápida degradação, tendendo a abandonar uma intervenção orientada para a qualificação da nossa existência e do meio social (MARGOLIN, 2007).

Na ausência da observação deste compromisso e equilíbrio no projecto, que decorre neste arco de tempo, o presente assume um papel omnipresente no projecto que, ao ignorar a história, permite considerar que tudo é permanentemente novo. A exclusão do conhecimento histórico na formulação do projecto, como acção qualificadora da

existência, não só irá conduzir à "destruição do passado" (HOBBSAWM, 2002) como à exaltação do presente necessariamente tutelado por mestres e obras na condução do novo.

Este ensaio explora a divergência, ainda que enriquecedora, existente entre o discurso crítico/teorizador sobre a produção recente e os projectos arquitectónicos realizados, que continuam, na sua generalidade, linhas filogénicas da arquitectura portuguesa, nomeadamente a do século XX (ALMEIDA, 1986).

Fragmentação e descontinuidade

Nos últimos anos a arquitectura portuguesa tem sido objecto de uma crescente atenção que motiva a sua divulgação nacional e internacional, através de publicações, exposições, concursos e prémios referentes ao trabalho dos arquitectos e também ao trabalho académico realizado por estudantes de arquitectura¹. A organização de exposições e respectivos catálogos tem vindo a permitir uma apresentação pública, sem precedentes no século XX, de um amplo e significativo conjunto de projectos e obras de arquitectura portuguesa da transição do século XX para o XXI.

Esta divulgação tem repercussão nos meios profissionais, mas sobretudo na comunicação social, o que permitiu não só aumentar a atenção do público sobre a arquitectura mas também promover uma crítica e propor um conjunto de sistemas interpretativos que, de forma generalizada, condicionam (ou deformam) o olhar sobre a arquitectura contemporânea apresentada. Sem intenção exaustiva, podemos referir alguns desses casos, entre outros, de divulgação da arquitectura recente portuguesa:

Influx: arquitectura portuguesa recente

exposição e catálogo de Pedro Gadanho e Luís Pereira, presente no Silo-Espaço Cultural do Norte Shopping no Porto, no âmbito da programação da Fundação de Serralves (2002-2003)

Habitar Portugal 2000-2002

exposição comissariada por João Rodeia, José Adrião, Nuno Grande, com catálogo editado por João Afonso e Cristina Meneses, presente na Cordoaria Nacional em Lisboa (2003) e na Casa das Artes no Porto (2004)

¹ A presença das faculdades e dos estudantes nas redes de divulgação da arquitectura é significativa. Nos últimos cinco anos, catorze trabalhos de alunos da FAUP foram premiados em concursos nacionais e internacionais. CASTRO, Pedro Barata, 2005 – "O verbo Contaminar e a sua envolvente próxima, ou as perguntas depois da resposta", *TGV*, nº 12, Associação de Estudantes da FAUP, p. 4.

Habitar Agora: Arquitectura Portuguesa da Nova Geração

exposição organizada pela Escola Superior de Arte e Design no Porto (2004), com catálogo coordenado por Maria Milano (2005)

Metaflux: duas gerações na arquitectura portuguesa recente

exposição e catalogo de Pedro Gadanho e Luís Pereira, apresentada na Bienal de Veneza (2004), Cordoaria Nacional em Lisboa (2004) e no Instituto Tomie Othake em S. Paulo (2005)

Casa Portuguesa: modelos globais para casa locais

exposição integrada na Experimenta Design 2005, Cordoaria Nacional em Lisboa, comissariado por L'Atalante, Pedro Costa Machado e Carlos Snt'Ana (2005)

Portugal 2000-2005: 25 edifícios do século XXI

edição da revista 2G Dossier, organizado por Ana Vaz Milheiro e Adela García-Herrera (2005)

Des-continuidade: arquitectura contemporânea, Norte de Portugal

exposição e catálogo de Eduardo Souto Moura, Fátima Fernandes, Jorge Figueira, Michele Cannatà, Nuno Grande, S. Paulo (2005)

Como já afirmámos, este conjunto de trabalhos de divulgação da arquitectura, ao apresentar uma interpretação da arquitectura contemporânea, não pretende evitar a "aborrecida indelicadeza do confronto" (GADANHO, 2004) mas, pelo contrário, abrir um debate que importa continuar.

A posição dos diversos autores envolvidos nestas iniciativas, sem sustentarem uma posição articulada entre si, estende-se para além delas, tendo uma presença regular na comunicação social², nas revistas da especialidade e em diversos tipos de eventos. A sua acção, amplificada por um conjunto de fenómenos mediáticos, abrangentes e complexos, acompanha um modo de difusão e um entendimento específico da arquitectura portuguesa na transição para o século XXI. Contudo, estas acções apresentam do ponto de vista da construção de um conhecimento arquitectónico e da sua validação um problema evidente. A sua fragmentação, em tipos de acções e em diferentes formatos de discurso, gera um conjunto de narrativas isoladas e desconectadas da rede de conhecimento (contudo unidas sob o lema da descontinuidade). Esta autonomia, também registada na forma do seu texto metafórico e jornalístico, que adiante trataremos, produz uma narrativa breve que, sem aprofundar a sua matriz de conhecimento referente — a sua tradição —, não encontra

² A presença de dezenas de artigos entre 1998 e 2005 de Ana Vaz Milheiro, Jorge Figueira e Nuno Grande como comentadores de arquitectura na comunicação social é assinalável pela divulgação sem paralelo da arquitectura portuguesa.

a clara legitimação das suas posições, tendendo a encetar processos auto-justificativos.

No panorama português da crítica e divulgação da arquitectura na transição do século XX para XXI, se esta fileira crítica é nítida ao cingir uma tendência no campo da interpretação da obra arquitectónica, então é um imperativo, não só quebrar a sua atitude monologante, mas também interrogar a sua acção e os meios adoptados (os modos críticos e as ferramentas), confrontando-os com outros modos de entender a história e a tradição.

No catálogo da exposição *Influx*, publicado em 2003, podemos observar o desmantelamento cauteloso de um legado intelectual e arquitectónico, promovido por construções teóricas próprias de outra época (como aquela em que Sigfried Giedion foi historiador do Movimento Moderno e, simultaneamente, secretário dos CIAM) onde a construção historiográfica tendia a seleccionar os factos para a obtenção de resultado pretendido.

Neste sentido inscreve-se o texto "*Connoisseurs* do Caos: Notas sobre a geração emergente de arquitectos em Portugal" que ao caracterizar a identidade da nossa arquitectura recente, com débil rigor analítico, permite-se avaliar (como superior) a qualidade da *imaginação* desta geração relativamente às anteriores (SAFRAN, 2003). Este argumento abre um processo ínvio de legitimação do presente pela reconsideração do passado com uma intenção polarizadora entre passado e presente, sendo o presente permanente reflexo narcísico, o que permite olhar a contemporaneidade como mera "epifania" no final século XX.

Também em 2004, no catálogo da exposição *Metaflux*, o artigo "X vs. Y - not = Diversidade. Equações de identidade na arquitectura portuguesa recente" indaga o presente como tempo decisivo e perene. Assim, ao atribuir à circulação de conhecimentos e pessoas, promovida pela actual integração europeia, um sentido decisivo e excepcional na construção da arquitectura recente, ignora que o contacto assíduo com a arquitectura internacional e o tráfico de conhecimento que promove não é uma excepção na tradição formativa (GADANHO, 2004b). Face a estas afirmações torna-se necessário lembrar que nos séculos XIX e XX foi uma situação comum e constituía parte fundamental da formação do arquitecto, que incluía necessariamente o "*tour de Rome*", nas suas diferentes versões, mais ou menos românticas até à actualidade (RODRIGUEZ LLERA, 2005; PINON, 1988; BROOKS, 1997; VICENTE, 2003). Podemos ainda constatar as extensas listas editadas regularmente nas nossas revistas, desde os finais do século XIX, onde são apontadas as publicações

estrangeiras de arquitectura recebidas de todo o mundo nas redacções, que constituíam um factor de divulgação imediata no pequeno meio dos arquitectos³. Há ainda a referir que a atribuição de bolsas de estudo, as visitas de estudo ao estrangeiro (TAVARES, 2005; SILVA, CANDEIAS, RUIVO, 2007) e a participação regular em congressos internacionais entre estudantes, finalistas e arquitectos eram aspectos comuns e directamente influentes na arquitectura e no debate cultural⁴.

A questão do desfasamento da produção arquitectónica portuguesa relativamente aos centros europeus (e só a alguns) não era um problema de informação, nem de acesso aos meios materiais e técnicos, como já foi observada por muitos autores. É de origem cultural e de índole social, como desde 1963 é salientado por Nuno Portas, que denuncia este álibi interpretativo relativo à ausência de informação ou de meios, para justificar o não alinhamento da nossa arquitectura com as expressões europeias mais arrojadas⁵.

Na mesma incitativa, em 2004, no artigo "Coluna dorsal" continua-se uma vinculação do presente como tempo único e fundador. Este artigo parece conferir um sentido à tradição, enquanto linha influente da contemporaneidade, e ser como que instrumento catalisador do desenho atual, aspectos confirmados na afinidade dos projectos referenciados (PEREIRA, 2004). Mas numa observação mais detalhada, somos forçados a abandonar tal expectativa. Importa perceber qual o sentido com que este olhar reveste o passado que se funda numa observação do que é "pertinente", ou seja numa selecção de fenómenos do processo histórico, como rol de acontecimentos que permitirá à actual geração de arquitectos recriar a sua acção, agora e, como nunca, incorporando a imagem de uma globalização que hoje se pretende agendar. Neste texto a tradição tem um sentido contraditório àquele por nós defendido nos tópicos seguintes, sendo simultaneamente argumento estabilizador de um passado, que é

³ Na rubrica "Bibliographie" eram indicadas as inúmeras publicações estrangeiras recebidas pelas redacções com o respectivo título e país de origem: Espanha, França, Inglaterra, Itália, Alemanha, Áustria, Rússia, Suécia, Noruega, Dinamarca e Argentina.

⁴ Para além das bolsas de estudo que são concedidas desde o final do século XIX, podemos ainda acrescentar sumariamente que, entre outros, Ventura Terra participa no Congresso Internacional dos Arquitectos em Madrid (1905), Londres (1906) e Viena (1908), ou que Korrodi viaja regularmente e mantém, tal como Carlos Ramos, assinaturas de revistas estrangeiras especializadas. Raul Lino conhece a Alemanha e Inglaterra, onde estudou e regularmente se desloca. Podemos ainda referir as viagens, no final dos anos vinte de Carlos Ramos à Alemanha, de Cristino da Silva a França; no final dos anos trinta de Keil do Amaral à França, Alemanha, Holanda e Inglaterra, e nos anos quarenta aos Estados Unidos da América; no final dos anos cinquenta de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas à Itália; e no final dos anos sessenta de Álvaro Siza à Finlândia. Ou ainda em 1960 a viagem à volta do mundo de Fernando Távora. Nesta perspectiva ver: CALADO, 2003; VICENTE, 2003; RAMOS, 2010.

⁵ As dificuldades sentidas não são de ordem técnica, tal como salienta Nuno Portas, uma vez que desde 1904 se constroem pontes e viadutos em betão, realizadas pela empresa francesa do engenheiro Hannebique. Ver: PORTAS, 1978.

forçoso reconhecer (como tentativa de legitimação do presente), e um *legado instrumental e operativo em dissolução* (PEREIRA, 2004).

Em 2005 foi editada mais uma compilação dedicada à apresentação da arquitectura portuguesa: *Des-Continuidade, arquitectura contemporânea, Norte de Portugal* (MOURA, FERNANDES, FIGUEIRA, CANNATÀ, GRANDE, 2005). A sua edição fez parte de uma iniciativa de divulgação, promoção e interpretação da arquitectura contemporânea do Norte de Portugal, em S. Paulo (Brasil), e integrou ainda diversas exposições e um ciclo de conferências⁶.

Esta publicação pretende ir além de uma proposta de divulgação para adoptar uma posição sobre a arquitectura portuguesa, quase exclusivamente, como tradução directa de fenómenos sócio-culturais impostos por processos de moda. O título *Des-Continuidade* e os textos introdutórios evidenciam princípios propagados por este posicionamento crítico que, nas últimas décadas, tem ocupado diversos artigos e exposições da arquitectura. A construção deste entendimento, registado em diferentes iniciativas como temos observado, reivindica a descontinuidade da produção arquitectónica recente relativamente à antecedente, ou seja, a sua descontinuidade no tempo. Esta posição não é isolada; acompanha a cena internacional e inscreve-se numa específica conjuntura de globalização⁷, com uma consequente tentativa de hegemonização do fenómeno arquitectónico, sustentada pela sua mediatização com resultados reconhecíveis, por exemplo, na obra de Rem Koolhaas (KOOLHAAS, 2006) ou Zaha Hadid (HADID, 2006). Esta arquitectura da globalização remete para uma difusão espacial de um produto, como tal sujeito a um ciclo de consumo e de substituição, na consumação de um "presente permanente" (HOBBSAWM, 2002). Ao contrário (e injustamente ignorados), os processos da universalidade assentam num sentido de partilha, o que implica inclusão de conhecimento, algo que a globalização com a sua multiplicidade de trocas e produção de "não-lugares" nunca poderá alcançar⁸. A argumentação em *Des-Continuidade* centra-se num processo de

⁶ A organização desta manifestação da arquitectura do Norte de Portugal foi presidida por OValente de Oliveira, contando ainda com a colaboração de João Honório (Instituto de Arquitectos do Brasil), Eduardo Souto Moura, Fátima Fernandes, Michele Cannatà, Nuno Grande e Jorge Figueira. A realização deste evento é da responsabilidade da Associação Empresarial de Portugal (AEP), com o apoio de parceiros nacionais e brasileiros, com destaque para o ICEP, a Ordem de Arquitectos (Secção Região Norte), a Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, o Centro Português de Fotografia e o Instituto de Arquitectos do Brasil, e com o Alto Patrocínio do Presidente da República de Portugal.

⁷ Como é demonstrado por Manuel Castells existem várias culturas globais, com os seus inerentes processos de globalização e distintas estratégias de maximização ou hegemonização. Ver: CASTELLS, 2002.

⁸ Para uma diferenciação dos processos de globalização e universalidade ver: CATROGA, 2006.

polarização do tempo, que permite enfatizar um entendimento da arquitectura recente como uma acção não contínua com o seu processo histórico. E porquê? Porque a recente arquitectura deverá cortar com a tradição, local e vernácula (mesmo regionalista e internacionalista), para se abrir ao cosmopolitismo global, novo lugar emergente para a diversidade.

A diversidade passou a ser um dado nuclear deste pensamento e aspecto essencial para qualquer novo espaço projectado. O movimento constante das pessoas em trânsito pelo mundo, a precariedade dos estilos de vida e, sobretudo, o consumo são também aspectos determinantes neste discurso. Insiste-se igualmente na extravagante inclusão de territórios estranhos à base disciplinar da arquitectura, considerada incapaz e herdeira de um património esgotado. Procura-se por isso a validação de matérias conceptuais inéditas, como agentes metafóricos que impulsionam esta nova arquitectura e valorizam a sua aproximação à realidade global. Exemplos como a superação da gravidade, a reciclagem, os sistemas produtivos em ciclo fechado, a materialização antropomórfica e a desmaterialização da construção, a portabilidade e o nomadismo, a citação formal da catástrofe ou do totem, a veemência dos materiais ditos pobres ou a implicação de tecnologias de vanguarda são alguns dos contributos desta arquitectura que parece estar mais empenhada no exotismo do que na pertinência da solução para a qualificação da nossa existência⁹. Mas esta leitura é igualmente sustentada pelas revistas internacionais especializadas e seus ideólogos, promotores que funcionam num mercado global de arquitecturas, numa lógica de procura de produtos de nova geração, como se a transformação da arquitectura e da vida fosse paralela à mutação vertiginosa dos meios tecnológicos, hoje postos ao nosso dispor¹⁰.

Tal leitura é estranha em vários sentidos e em especial na circunstância portuguesa. Adoptando o exemplo de *Des-Continuidade* como sintoma e caso de estudo, encontramos uma oposição entre a argumentação produzida nos seus artigos e a organização editorial onde são apresentados projectos e obras. A afirmação da continuidade é desde logo demonstrada na apresentação (a preto e branco) de algumas das obras chave da arquitectura do Porto e do Norte de Portugal, entre as décadas de 40 e de 70, seguidas das obras recentes que, em conjunto, edificam o nosso património disciplinar. Nas primeiras 150 páginas encontramos, entre outros, o Bloco de Habitações Duque de Saldanha, o Bairro de Ramalde, o Plano de Costa

⁹ Julgamos que o olhar de arquitecto sobre a história e a posição de editor conferem a Luis Fernández-Galiano um visão única sobre a actualidade bizarra e excepcional, local e global. Ver os seus editoriais na revista AV, nomeadamente: "Casa, Cuerpo, Crisis", AV, nº 104, 2003.

¹⁰ Sobre a situação actual das revistas de arquitectura ver: GREGOTTI, 2000.

Cabral, a Cooperativa "O Lar Familiar", o Parque Residencial do Luso e da Boavista, os Blocos Residenciais da Pasteleira, o Instituto Pasteur, o Mercado do Bom Sucesso, o Edifício do Ouro, o Edifício Miradouro e a Central Telefónica do Bonfim, obras que raramente mereceram a publicação completa e ilustrada. Esta opção editorial introduz a ideia de precedente, aspecto fulcral da concepção artística e da arte de projectar, identificando, deste modo, a trama onde se elabora a arquitectura portuguesa e onde se incluem, particularmente, as produções recentes do Norte. Nas páginas seguintes são apresentadas as obras recentes que, tal como nas décadas anteriores, reflectem a sua circunstância, ou seja, o tempo e o contexto em que são feitas. Esta passagem entre umas e outras não é abrupta – como nunca foi na arquitectura portuguesa – e não tem intenção substitutiva mas, pelo contrário, assegura a coexistência de modelos e a hibridez da linguagem numa continuidade da metodologia e dialéctica do projecto e da construção. Este aspecto central na identidade da arquitectura feita aqui é escamoteado ou, por vezes, enviesadamente interpretado pela crítica.

Nos artigos "Arquitecturas sitiadas. A propósito da exposição Habitar Agora" e "Portugal: território, cidade e arquitectura. Da *Nação-navio* ao *País-arquipélago*", editados em 2005, começamos por verificar sinais de dúvida quanto à manutenção da leitura da arquitectura portuguesa recente, baseada na ideia de descontinuidade (GRANDE, 2005a, 2005b). Destaca-se a interrogação colocada à noção de descontinuidade como contributo efectivo para a compreensão da arquitectura na passagem do século XX para o XXI¹¹. A abordagem aí patente ao processo histórico da arquitectura e urbanismo português, como instrumento de leitura *dos territórios* da nossa actualidade, permite constatar que *"encontramos sinais de descontinuidade (conceito inerente ao tema da exposição), mas também de comunhão intergeracional, sobretudo na forma de encarar e operar dentro da matriz universalista da modernidade (outra possível leitura do mesmo tema)." (GRANDE, 2005b: 30)* Esta apresentação parece sugerir que, em crítica, a ordem dos enunciados é arbitrária. Não é isto um equívoco: a crítica não é, antes de tudo, ordenação e hierarquia? Assim, a arquitectura recente opera dentro do reconhecimento da *"matriz universalista da modernidade"*, onde uma das suas proposições é registada em *"sinais de descontinuidade"* e não o inverso como é proposto.

A escolha das palavras e os seus jogos de linguagem pretendem construir significados que, no esforço mediático da narrativa, traduzem o acessório e com ele a imprecisão.

¹¹ Encontramos também a mesma necessidade de atender aos processos de continuidade que amarram o *(re)aproveitamento* e a *(re)significação*, ou que observam a condição de "construir sobre o construído" de "arquitecturas sitiadas".

Trata-se de uma construção formal não consonante com análises arquitectónicas, isto é, não consonante com os dispositivos espaciais da arquitectura portuguesa recente e, pelo contrário, sobrevaloriza aspectos de obediência ao discurso para atingir a conclusão. Esta construção linguística não pretende traduzir as condições da arquitectura em estudo, mas antes fundar um significado e sua auto-justificação.

Processo e história

Porquê forçar a ideia da descontinuidade, como proposta de interpretação da arquitectura recente? Porquê eleger o caso isolado, preferir o singular ao fenómeno colectivo, tentando generalizar a tese da ruptura e da fractura a uma produção que a rejeita e a arquitectos que a ignoram?

O processo da arquitectura do século XX não conheceu em Portugal a ruptura que, efectivamente para o ser, deveria ter-se firmado com instrumentos de transformação da sociedade e da cultura, num assumir colectivo do Moderno. Esta seria a tentativa de levar a cabo os ideais da razão, da eficiência instrumental e do domínio do mundo pela ciência e pela técnica.

Em Portugal tal não aconteceu. Como afirma Paulo Pereira (PEREIRA, 1999: 319):

"(...) o século XIX mantém o seu balanço epocal até muito tarde. Os progressos da revolução industrial, tímida e tardia, parecem meras importações fomentistas sem que traduzam uma modificação do tecido essencialmente rural do país. Nas artes, o tradicionalismo e o conservadorismo são de tal modo pesados e inerciais que se pode afirmar, sem receio de errar, que os traços do gosto oitocentista, ao nível da educação das artes e do consumo, se mantêm até cerca de 1960... O século XIX é, de facto, o século mais longo da história portuguesa."

A nossa burguesia foi avessa a mudanças. Devemos notar que, em Portugal, se o processo encetado pela burguesia, no começo do século XX, pode manter semelhanças com expressões europeias no assumir da herança do século XIX, com o qual esboça linhas de continuidade e de inovação, terá com certeza uma imensa dificuldade em libertar-se dela em todos os planos da sociedade¹². A construção do Moderno em Portugal é fenómeno pontual e minoritário porque nunca abraça (ou não pode abraçar) uma utopia de transformação social (CALDAS, 1997), ou seja, nunca foi

¹² Entre outros, José-Augusto França observa essa mesma inércia bloqueadora da burguesia em encetar um projecto de sociedade. Para uma ampla e profunda observação da sociedade portuguesa no século XIX ver: FRANÇA, 1993.

uma acção para além da iniciativa pessoal, nem um projecto colectivo com a ambição de melhorar as degradadas condições de vida da nossa população¹³. As obras mais emblemáticas do primeiro modernismo, como o Instituto Superior Técnico em Lisboa (Pardal Monteiro, 1925-1941) e o conjunto edificado em seu redor, são obras circunscritas a uma cenografia do tempo¹⁴. O moderno edificado em Portugal na primeira metade do século XX foi, na sua generalidade, revivalista de um século XIX, nunca conseguindo alcançar uma pertinência formal por via de uma industrialização não existente, tratando-se sempre de fenómeno eminentemente visual. A construção doméstica em registo modernista é realizada com o recurso da alvenaria de pedra (com excepções no uso do betão, como a verificada na casa para o engenheiro Bélard da Fonseca, de Cristino da Silva, em 1930), o que não permite o abandono da parede espessa para uma liberdade espacial (*plein libre, promenade architecturale*), ou a abertura de grandes vãos (*fenêtre en longueur*), argumentos definitivos da nova linguagem (lá fora). Aqui o moderno é um estilo¹⁵ que, por vezes, é alternado com outros de cariz oitocentista, de tradição romântica, realizado entre vários compromissos formais, técnicos, sociopolíticos, sempre ligado à terra e à origem, sendo a sua arquitectura requintada e intimista. Até ao final dos anos cinquenta, este será o quadro de continuidade e de inovação da arquitectura portuguesa, patrocinado por uma burguesia herdeira das pesadas décadas anteriores¹⁶.

Nesta condição, a produção arquitectónica actual é impelida para o reconhecimento dos desafios do seu tempo e, contudo, a mesma condição impede-a de abandonar o seu processo, ou seja, um processo assegurado pelo fenómeno da continuidade e transição, capaz de criar compromissos entre passado e presente, numa amálgama de modelos, linguagens, materiais, técnicas e estilos de vida e, assim, prolongar a sua

¹³ É uma situação de miséria que podemos constatar em Portugal nos anos trinta e quarenta, com os dados fornecidos pelo *Inquérito à habitação rural*, publicado nos dois primeiros volumes em 1943 e 1947. Sobre este assunto ver: BASTO, BARROS, 1943; BARROS, 1947; LEAL, 2000.

¹⁴ António Bandeirinha salienta a hibridez da produção arquitectónica, o imobilismo sociocultural da burguesia, e a generalizada degradação das condições de vida do povo, como factores caracterizados da sociedade portuguesa nos anos 40. Ver: BANDEIRINHA, 1996.

¹⁵ Ou seja uma ideia de "diferença". Um sistema de formas ou estilo não é mais que a consagração de uma repetição, plasticamente verificável e socialmente identificada. A burguesia exige a diferença, não como verdadeira originalidade, mas porque caracteriza simultaneamente um conjunto de pessoas consideradas superiores. Assim a "diferença" é fundamentalmente um aspecto de reconhecimento da classe social. Sobre este assunto ver: BOURDIEU, 1985; PEZEU-MASSABUAU, 1993.

¹⁶ Para uma visão ampla das condições de uso dos novos materiais e tecnologias e da sua relação com a arquitectura ver: TOSTÕES, 2002.

mais intensa e contínua identidade: a hibridez¹⁷.

Este entendimento da arquitectura e do seu processo histórico é apresentado em 1991 na exposição *Arquitectura Portuguesa Contemporânea 1965-1985*, organizada por Nuno Portas e Manuel Mendes, e prolongado em 1997 com a leitura crítica de todo o século XX com a exposição *Portugal: Arquitectura do século XX*, organizada por Annette Becker, Ana Tostões e Wilfried Wang.

Mais recentemente, em 2004, na exposição *Portugal 1990-2004*, que assinala a participação na Trienal de Milão comissariada por Henrique Cayatte, Ana Tostões desenvolve a leitura já anteriormente proposta até aos anos recentes da arquitectura portuguesa. No artigo para o catálogo, Ana Tostões clarifica o sentido de inovação da geração recente da arquitectura portuguesa, demarcando-se da tentativa de ver nela uma cenografia da globalização actual, não tendo dúvidas em sublinhar a continuidade do seu processo:

"A revelação da produção moderna surge neste quadro como uma referência geracional capaz de repor a visão estimulante de um passado recente. E, sobretudo, articulando um sentido de continuidade capaz de alimentar a radicalidade com a verdadeira originalidade no que ela significa de redução: às origens e às raízes, a uma autenticidade radical, a arquétipo sem renunciar à história. Esta convocação da herança moderna funciona, não tanto por mimetismo, mas mais como confirmação tranquilizadora de uma competência de edificar, construindo em continuidade uma tradição moderna. Competência que importa convocar para intervir de modo decisivo nas escalas do urbano ao território para continuar a tradição de pragmatismo que caracteriza a melhor arquitectura portuguesa de sempre." (TOSTÕES, 2004).

Ser tradicional

A arquitectura é de facto uma disciplina aberta. A circulação de conhecimentos e respectiva inserção sempre proporcionaram experimentalismo e, quando este foi superado, enriquecimento da tradição inovando-a.

Não nos parece possível observar a arquitectura sem ser integrada no campo mais amplo das artes, nem o seu conhecimento pode contornar a importância das

¹⁷ A análise da Casa em Vila Marim (Jorge Figueira, 2002-2003) poderá servir de exemplo como "jogos de contemporaneidade" podem coexistir, num processo de hibridez, com o reconhecimento da tradição arquitectónica. Ver: RAMOS, 2007.

chamadas disciplinas histórico-sociais¹⁸, nem das ciências exactas. Nuno Portas salienta ainda que é necessário, para a compreensão contemporânea da arquitectura (e do ensino), não só rever um entendimento estrangulador (exclusivo) da disciplina, mas também abri-la (inclusivo) ao cruzamento de diferentes saberes.

A arquitectura como território de cruzamento de saberes implica a sua permeabilidade à informação, aos conhecimentos de outras disciplinas, considerados aqui como marcadores químicos, a partir dos quais a realidade em observação poderá ser inteligível, sem deixarmos de afirmar o *modo próprio* de conhecer em arquitectura. Essa especificidade reside na capacidade, a partir da observação do espaço, de reconhecer padrões e de os representar, num mecanismo de síntese de uma realidade tridimensional complexa, significativo para a nossa existência. Esta forma de olhar, profundamente diferente do ver (PIÑÓN, 1998), representa um dos dispositivos identitários do conhecimento em arquitectura e suporte da acção disciplinarmente única e central que representa o projecto em arquitectura.

A construção, o âmbito oficial da arquitectura, e a sua identidade cultural são hoje herdeiros de um longo processo que se confunde com o próprio processo da nossa civilização. Subscrevemos as palavras de Rogers que, incansavelmente ao longo da sua obra, aprofundam o sentido de conhecimento em arquitectura como território, não só de cruzamento, mas igualmente cerzido de continuidades:

"Basta pensar no projecto de Frank Loyd Wright para uma casa em Veneza, lamentavelmente não executado, nas obras de Le Corbusier no Punjab e em Ronchamp, nos arranha-céus de Mies que recorre à leitura da Escola de Chicago, ou na casa que Gropius constrói para si em Nova Inglaterra para verificar até que ponto sentiram o problema das culturas específicas, dos distintos ambientes, naturais ou artísticos, e de que modo a sua palavra pode também aqui servir de guia."

Continuando, afirma a importância da reconstrução da tradição...

"A dificuldade consiste em introduzir as contribuições da vanguarda, sem voltar costas, em um novo aprofundamento da tradição. Porque há muitos que para combater o formalismo modernista não verificam que caem em outro formalismo, no do folclore, ou em qualquer dos estilos tradicionais." (ROGERS, 1994: 324).

¹⁸ A utilização do termo "histórico-sociais" pode ser impreciso, pela ambiguidade que comporta ao aglutinar as ciências da história com as sociais, sendo a primeira centrada no tempo longo e a segunda no tempo curto, como nos esclarece Mirian Halpern Perreira. O uso desta expressão pretende assinalar um campo de interdisciplinaridade vasto em matérias e extenso no tempo, da história à sociologia, antropologia e economia, como saberes essenciais partilhados com o conhecimento arquitectónico. Ver: PEREIRA, 2005; COELHO, 1999.

A tradição, da qual somos hoje portadores, não é uma opção. A única escolha disponível no nosso tempo é a que se edifica sobre o tempo que nos antecede. Esta construção, ou mais precisamente a reconstrução da tradição, é o processo pelo qual seremos capazes de ser o receptáculo para a apreensão e acumulação de inúmeros saberes e circunstâncias de um tempo, imagens que aí permanecem até estarem presentes, em conjunto, todas as partículas susceptíveis de se unir para formar um novo composto, a nossa contemporaneidade (ELIOT, 1997).

Em 1919, T. S. Eliot publicou o ensaio "A Tradição e o Talento Individual" onde explica de forma irredutível a Tradição e o seu carácter operatório no campo das artes:

"A tradição... não pode ser herdada, e se a quisermos, tem de ser obtida com árduo labor. Envolve, em primeiro lugar, o sentido histórico, o qual ...compreende uma percepção não só do passado mas da sua presença; o sentido histórico compele o [arquitecto a trabalhar] não apenas com a sua própria geração no sangue, mas também com um sentimento de que toda a [arquitectura] europeia desde [Ictinus], e nela a totalidade da [arquitectura] da sua pátria, possui uma existência simultânea e compõe uma ordem simultânea. Esse sentido histórico, que é um sentido do intemporal bem assim como do temporal, e do intemporal e do temporal juntos, é que torna um [arquitecto] tradicional. E é, ao mesmo tempo, o que torna um [arquitecto] mais agudamente consciente do seu lugar no tempo, da sua própria contemporaneidade.

Nenhum [arquitecto], nenhum artista de qualquer arte, detém, sozinho, o seu completo significado. (...)" (WILSON, 1994b: 67-68).

A crítica contemporânea, objecto da nossa análise, estabelece uma interpretação da arquitectura portuguesa recente na qual a tradição é algo de diferente. Esta crítica atribui à tradição arquitectónica portuguesa, nomeadamente a registada no século XX, uma identidade liminar¹⁹ que merece a nossa atenção por aquilo que permite entrever sobre as articulações de uma prática disciplinar e a arte de projectar e as reconfigurações socioculturais que hoje ocorrem. Assim, o entendimento da tradição, como algo que permanece à margem e que não é substantivo da criação arquitectónica, é uma das condições para a sua minoração na análise conduzida por

¹⁹ O significado de identidade liminar regista-se na observação dos ritos de passagem, onde são identificados três momentos que representam uma sequência, que sob múltiplas formas, é a mesma em diferentes fenómenos: os ritos de preliminares (de separação), os liminares (de margem) e os posliminares (de agregação). Entende-se assim liminar como aquele que fica na margem entre separação e agregação, mas também aquele que permanece á porta, que não ultrapassa o seu estado transitório ou que não acolhe o seu conseqüente estado. Ver: VAN GENNEP, 1981. A noção de liminaridade será desenvolvida por Victor Turner: TURNER, 1974.

esta crítica da arquitectura recente. A minoração permite a consolidação artificial do seu significado através da seriação dos factos históricos, sustentada por um discurso composto de fragmentos. Esta seriação evita o enleamento a projectos, actores, momentos e contextos considerados marginais da nossa história disciplinar, que deformariam uma articulação que se pretende ver estabelecida e assim confirmada²⁰. A tradição é, nesta perspectiva, algo que vem do passado, onde retalhamos os aspectos que nos interessam. Tal visão não nos interessa. É a visão do *connaisseur*, de uma história seleccionada e exposta em vitrinas. O conhecimento do elo que cada arquitectura tem com o passado é a condição que permite sermos construtores do nosso tempo, superando, no melhor dos casos, a nossa tradição. O equívoco surge quando entendemos o passado como imagem historicizada, ou seja, como reconstrução de uma imagem na busca de verdade e da sua justificação²¹. Corre-se o perigo de perder a trama densa e complexa que cada objecto ou arquitectura traz consigo. Para se manter este registo, a história e o seu processo não pode ser entendida por fenómenos isolados, sumários. Da mesma forma, pelo mesmo princípio, a nossa produção contemporânea não está isolada da tradição em que nasce.

Em "The Use of History", Rykwert é particularmente elucidativo no esclarecimento desta preocupação:

"A arquitectura nunca é uma criação de objectos isolados; é sempre criação de cidade. (...) Não é suficiente ver a cidade limitada pelos seus muros, é necessário conhecê-la para além de qualquer preocupação privada. Isto é um problema de arquitectos e de historiadores, porque cada um dos seus construtores trouxe consigo o seu passado." (RYKWERT, 1994:129).

Deste isolamento dos fenómenos deriva um discurso rápido, normativo e fortemente conotativo, orientado mais pela preocupação de justificar ideias do que em estabelecer uma conjectura como conhecimento disponível a outras perspectivas. Este aspecto tem como repercussão o abandono de uma crítica dos dispositivos arquitectónicos,

²⁰ A selecção dos factos históricos como factor chave na construção de "uma tradição" que se pretende justificar, tem sido objecto de estudo de diversos autores. A construção de uma história do Movimento Moderno em arquitectura por Sigfried Giedion é neste aspecto um caso paradigmático. Sobre este assunto ver: WILSON, 1994a; ALMEIDA, 1994; SMITH, 1998; VILDER, 1998.

²¹ Pedro Vieira de Almeida coloca algumas interrogações sobre o apagamento, conduzido por certos estudos, relativamente aos arquitectos de Lisboa, nomeadamente de Nuno Teotónio Pereira, entre outros, quando é observada a adesão a uma nova sensibilidade conduzida por Távora e Siza. As diferenças do tipo de obra e de encomenda entre Lisboa e Porto são hoje evidentes. Ambos os pólos conduziram a via Moderna mais em consequência das condições de trabalho presentes, do que pela prévia afirmação de um caminho teórico e crítico. Importa esclarecer estes factores e saber em que medida se terá que reconstruir a história instituída, agora com novos entendimentos. Ver: ALMEIDA, 2005.

substituída por um texto metafórico de pendor jornalístico, onde ressalta mais a preocupação com fórmulas comunicativas do que a investigação e descrição dos fenómenos espaciais e do seu processo histórico. É geralmente uma construção linguística dirigida para a produção de imagens capazes, por si só, de isolarem sentidos a alcançar e, assim atingirem um significado.

A transitoriedade atribuída à tradição por esta tendência da crítica revela-nos a dificuldade em observar os aspectos permanentes e marcantes do último século da arquitectura portuguesa, precisamente a hibridez, que caracteriza este processo, resultante da articulação entre antigo e novo, citação e invenção, temporal e intemporal. Aspectos centrais da criação que, como sublinha T. S. Eliot, resultam irreconciliáveis com esta leitura proposta pela crítica da arquitectura contemporânea, onde o *novo* é formulação do desenraizamento, como condição de *abertura* da arquitectura portuguesa. Julgamos que este entendimento é surpreendente e que, ao desvalorizar a análise arquitectónica, força um registo de descontinuidade e um significado, chegando, em casos extremos, a não se encontrar nos projectos. Pelo contrário, a obra dos arquitectos portugueses persegue um desígnio capaz de elaborar, não só sobre as nossas condições socioculturais, mas também de integrar e transformar outras experiências contemporâneas das arquitecturas internacionais, como continuidade dialéctica do processo histórico (RAMOS, 2007).

Final

A observação das condições da arquitectura nos anos oitenta permitiu a Moneo constatar que a mudança da articulação entre *forma construtiva* e *forma arquitectónica* seria um aspecto radical e decisivo para a produção arquitectónica até hoje e, através dela, configurar-se uma fissura num conhecimento edificado e estável durante séculos (MONEO, 2004). É a actual *Construção* o verdadeiro suporte da *Forma*? E face a esta interrogação, é o conhecimento histórico um instrumento na construção do projecto? Em 1999, Rafael Moneo escreve "Paradigmas fin de siglo: Los noventa, entre fragmentación y la compacidad", onde identifica duas vias para a arquitectura contemporânea expressas claramente no título do seu artigo. Uma, a compacidade, remete para a valorização tectónica do mundo ordenado das formas e da sua construção o que é, para uns, uma visão ortodoxa e para outros tradicional. Outra via, a fragmentação, interessa-se por formas rasgadas ou por texturas, artifícios e reflexos. Surge como metáfora arquitectónica do mundo contemporâneo... (MONEO, 1999). Para Moneo esta última ideia remete para outra mais geral que reclama um mundo

sem forma, caracterizado pela fluidez, ausência de fronteiras entre interior/exterior ou entre público/privado, de permanente mudança, onde a acção é mais importante que qualquer outra qualidade. A acção é considerada como um valor absoluto em si mesmo. Desta forma, a própria ideia de edifício, tal como foi concebido até aos finais dos anos oitenta, é questionada. (MONEO, 1999).

A posição crítica que temos vindo a debater estabelece um entendimento da arquitectura portuguesa, na transição para o século XXI, precisamente nesta clivagem do entendimento do que é a Arquitectura, preferindo ver a fragmentação da forma e a descontinuidade da tradição, do que o pragmatismo do uso dos materiais e dos meios disponíveis, sustentada numa poética da construção e na capacidade, para além do estilo, de ser tradicional. Trata-se, em nossa opinião, de uma observação não sustentada pela arquitectura e exposta nas iniciativas referidas. Trata-se, também, da apropriação de um debate, restrito a certos meios profissionais, marcado pela visão elitista que persiste em ignorar os fenómenos extensos e significativos de uma "arquitECTURA corrente" (RAMOS, 2005) que edifica o espaço que habitamos.

A arquitectura portuguesa recente é marcada pela unidade elaborada entre compromissos de estilo, numa hibridez inclusiva ensaiada durante todo o século XX que permite, sem ruptura, incorporar não só a nossa história, mas igualmente outras que conhece, usa e adapta (ELIOT, 1992: 137), assegurando continuidades de hábitos e soluções transmitidas na cultura ocidental. Ou seja, permite conhecer e escolher *enraizados num lugar, numa localidade, numa história concreta, em suma, numa identidade activa e compósita, porque cercada por identidades múltiplas e simultâneas, mas cuja partilha de sentido com outras — que são diferenças — supõe a adesão a valores transversais*. (CATROGA, 2006: 498-501).

Em 1953, Fernando Távora assinala a sua preocupação e as consequências para a *nossa Arquitectura e o nosso Urbanismo* (embora noutra tempo mas com o mesmo sentido) do seu distanciamento da circunstância onde esta se produz, apontando-nos uma via:

"Está em todos os portugueses a possibilidade de contribuir para tornar modernos a nossa Arquitectura e o nosso Urbanismo (...) indispensável é que, sem menos prezar toda a lição do exterior se conheça integralmente toda a nossa realidade interior. Seguem caminho errado, igualmente errado, os que preconizam o retorno a estilos que já foram ou os que, pelo figurino da moda, pretendem criar em Portugal uma Arquitectura e um Urbanismo modernos; qualquer destas atitudes revela um tão perigoso como inútil diletantismo plástico que nada contribui para a realização do fim

em vista porque desvia essas manifestações da sua realidade envolvente. O "estilo" não conta; conta, sim, a relação entre a obra e a vida; o estilo é o resultado dessa relação." (TÁVORA, 1953: 71).

A naturalidade da arquitectura portuguesa ao projectar e construir, que diferencia a nossa condição e tempo, não a impede de reconhecer na *Construção* a capacidade de sustentar a *Forma*, como via de resistência à sua arbitrariedade (MONEO, 2005). A construção portuguesa é feita de "pedra" e, salvo raras excepções, continua a sê-lo hoje. A sua hibridéz é o compromisso presente no processo da arquitectura portuguesa. Não é a hipótese tentada pela crítica, que discutimos, de ver nela a rejeição da construção e a aceitação da arbitrariedade da forma, ou seja, a transitoriedade da tradição.

Bibliografia

ALMEIDA, Pedro Vieira de, 1986 – "Carlos Ramos: Uma Estratégia de Intervenção", in *Carlos Ramos: Exposição retrospectiva da sua obra*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

— 1994 – "The notion of «Past» in the Architecture of the Difficult Decades", *Rassegna*, nº 59, p. 52-62.

— 2005 – *Da Teoria, oito lições*, Porto: Escola Superior Artística do Porto.

BANDEIRINHA, José António, 1996 (1993) – *Quinas Vivas*, Porto: FAUP publicações.

BARROS, Henrique, 1947 – *Inquérito à habitação rural*, vol. II, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, [Beira Litoral, Beira Alta e Beira Baixa].

BASTO, E. A. Lima, BARROS, Henrique, 1943 – *Inquérito à habitação rural*, vol. I, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa. [Minho, Douro-Litoral, Trás-os-Montes e Alto-Douro].

BROOKS, H. Allen, 1997 – *Le Corbusier's formative years: Charles-Edouard Jeanneret at La Chaux-de-Fonds*, Chicago: The University of Chicago Press.

BOURDIEU, Pierre, 1985 (1979) – *La Distinction: critique sociale du jugement*, Paris: Les éditions de minuit.

CALADO, Maria, – *A cultura arquitectónica em Portugal 1880-1920: tradição e inovação*, vol.1, 2 e 3, Dissertação de Doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura, 2003 [policopiado].

CALDAS, João Vieira, 1997 – "Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo", in A. Becker, A. Tostões, W. Wang (org.), *Portugal: Arquitectura do século XX*, Prestel, p. 23-31.

CASTELLS, Manuel, 2002 (1996) – *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTRO, Pedro Barata, 2005 – "O verbo Contaminar e a sua envolvente próxima, ou as perguntas depois da resposta", *TGV*, nº 12, Associação de Estudantes da FAUP, p. 4.

CATROGA, Fernando, 2006 – *Entre Deuses e Césares. Secularização, laicidade e religião civil: Uma perspectiva histórica*, Coimbra: Almedina.

COELHO, Eduardo Prado, 1999 – "Modos de Ler", *Público* (Leituras), 24 Abril, p. 8.

ELIOT, T. S., 1997 (1919) – "A tradição e o talento individual", in J. Monteiro-Grillo (ed.), *Ensaio de Doutrina Crítica*, Lisboa: Guimarães Editores, p. 21-32.

— 1992 (1945) – "O que é um clássico", in Maria Adelaide Ramos (ed.), *Ensaio Escolhidos*, Cotovia, Lisboa, p. 129-146.

FRANÇA, José-Augusto, 1993 (1974) – *O Romantismo em Portugal: estudo de factos socioculturais*, Lisboa: Livros Horizonte.

GADANHO, Pedro, 2004a (2003) – "Escassez & Deslocação", in Pedro Gadanho, Luís T. Pereira (coord.), *Influx: arquitectura portuguesa recente*, Civilização, p. 148-155.

— 2004b – "X vs. Y - not = Diversidade. Equações de identidade na arquitectura portuguesa recente", in P. Gadanho, L. T. Pereira (coord.), *Metaflux: duas gerações na arquitectura portuguesa recente*, Civilização, p. 33-47.

— 2005 – "«Metamorph»", *TGV*, nº 11, Associação de Estudantes da FAUP [entrevista conduzida por José Martins].

GADANHO, Pedro, PEREIRA, Luís Tavares (coord.), 2003 – *Influx: arquitectura portuguesa recente*, Civilização.

GRANDE, Nuno, 2005a – "Arquitecturas sitiadas. A propósito da exposição Habitar Agora", in Maria Milano (coord.), *Do habitar*, Escola Superior de Arte e Design, Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, p. 115-117.

— 2005b – "Portugal: território, cidade e arquitectura. Da Nação-navio ao País-arquipélago", in E. Souto de Moura, F. Fernandes, J. Figueira, et al. (com.), *Des-continuidade: arquitectura contemporânea*, Norte de Portugal, Civilização, p. 30-47.

GREGOTTI, Vittorio, 2000 – "Cari architetti non ci sono più riviste", *L'Architetto*, nº 143, Roma: Consiglio Nazionale degli Architetti, p.18-19.

HADID, Zaha, 2006 – *Zaha Hadid*, New York: Guggenheim Museum Publications.

HOBBSAWM, Eric, 2002 (1994) – *A Era dos Extremos: história breve do século XX, 1914-1991*, Lisboa: Presença.

KOOLHAAS, Rem, 2006 – "Changement de dimensions", *L'Architecture d'Aujourd'hui*, nº 361, 2005, p. 88-97.

LEAL, João, 2000 – *Etnografias Portuguesas (1870-1970): Cultura Popular e Identidade Nacional*, Lisboa: D. Quixote.

MARGOLIN, Victor, 2007 – "Design the Future and the Human Spirit", *Design Issues*, nº 3, vol. 23, The MIT Press, p. 4-15.

MONEO, Rafael, 1999 – "Paradigmas fin de siglo: Los noventa, entre fragmentación y la compacidad", *Arquitectura Viva*, nº 66, p. 17-24.

— 2004 (1985) – "La Soledad de los Edificios" in *El Croquis Rafael Moneo 1967-2004: antología de urgencia*, p. 608-615. [discurso de tomada de posse como Director do Department of Architecture of the Harvard University Graduate School of Design].

— 2005 – "Sul concetto di arbitrarietà in architettura", *Casabella*, nº 735, p. 22-23. [Discurso na Academia Real de Bellas Artes, Madrid, 2005].

MOURA, Eduardo Souto, FERNANDES, Fátima, FIGUEIRA, Jorge, CANNATÀ, Michele, GRANDE, Nuno (com.), 2005 – *Des-continuidade: arquitectura contemporânea*, Norte de Portugal, Civilização.

PEREIRA, Luís Tavares, 2004 – "Coluna dorsal", in Pedro Gadanho, Luís T. Pereira (coord.), *Metaflux: duas gerações na arquitectura portuguesa recente*, Civilização, p. 153-167.

PEREIRA, Mirian Halpern, 2005 – "A História e as Ciências Sociais", *Ler História*, nº 49, p. 5-29.

PEREIRA, Paulo, 1999 – *2000 anos de arte em Portugal*, Lisboa: Temas e Debates e Autores.

PEZEU-MASSABUAU, J., 1993 – *La maison: espace réglé, espace rêvé*, Montpellier: GIP Reclus.

PIÑÓN, Helio, 1998 – *Curso básico de proyectos*, Barcelona: Ediciones UPC.

PORTAS, Nuno, 1978 – "A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma interpretação", (1970), in Bruno Zevi, *História da Arquitectura Moderna*, vol. II, Lisboa: Arcádia, p. 687-746.

PINON, Pierre, 1988 – "La Maison Turque", in P. Saddy, C. Malécot (org.), *Le Corbusier: le passé à réaction poétique*, Paris: Caisse Nationale de Monuments Historiques et de Sites, p. 165-173.

RAMOS, Rui Jorge Garcia, 2005 – "«Produções correntes» em arquitectura: a porta para uma diferente gramática do projecto do início do século XX", *NW noroeste. Revista de História*, nº 1, p. 53-80.

— 2007 – "Elenco para uma arquitectura doméstica: casa em Vila Marim", *Opúsculo*, nº 5, Porto: Dafne.

— 2010, *A Casa: arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX portugueses*, Porto, FAUP Publicações.

RODRIGUEZ LLERA, Ramón, 2005 – *O olhar e a mão do arquitecto. Viagens e Desenhos*, Porto: Escola Superior Artística do Porto.

ROGERS, Ernesto Nathan, 1994 (1958) – "La arquitectura moderna después de la generación de los maestros", in P. Hereu, J. M. Montaner, J. Oliveras, *Textos de arquitectura de la modernidad*, Madrid: Nerea, p. 320-325.

RYKWERT, Joseph, 1994 – "The Use of History", *Lotus*, nº 81, p. 129.

SAFRAN, Yehuda, 2003 – "Connoisseurs do Chaos: Notas sobre a geração emergente de arquitectos em Portugal", in Pedro Gadanho, Luís T. Pereira (coord.), *Influx: arquitectura portuguesa recente*, Civilização, p. 12-14.

SILVA, Raquel Henriques da, CANDEIAS, Ana Filipa; RUIVO, Ana, 2007 – *50 anos de arte portuguesa*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

SMITH, Elizabeth A.T., 1998 – "Re-examining architecture and its history at the end of the century", in R. Koshalek, E. A. T. Smith (org.), *At the end of the century: one hundred years of architecture*, Los Angeles: Harry N. Abrams, p. 23-99.

TAVARES, André, 2005 – *Arquitectura Antituberculose: Trocas e tráficos na construção terapêutica entre Portugal e Suíça*, Porto: Faup Publicações.

TÁVORA, Fernando, 1953 – "Franqueza e juventude", *A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação*, nº 3-4, p. 17-20 e 70-71.

TÁVORA, Fernando, 1957 – "Casa em Ofir", *Arquitectura*, nº 59.

TOSTÕES, Ana, 2002 – *Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*, Dissertação de Doutoramento em Engenharia do Território, Lisboa: Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa. [policopiado].

— 2004 – "O lugar da paisagem europeia", in Henrique Cayatte (com.), *Portugal 1990-2004*, Triennale di Milano, p. 18-23.

TURNER, Victor W., 1974 (1969) – *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*, Petrópolis: Editora Vozes.

VAN GENNEP, Arnold, 1981 (1908) – *Les rites de passage: étude systématique des rites*, Paris: A. & J. Picard.

VICENTE, Filipa Lowndes, 2003 – *Viagens e Exposições: D. Pedro V na Europa do Século XIX*, Lisboa: Gótica.

VILDER, Anthony, 1998 – "Space, Time, and Movement", in R. Koshalek, E. A. T. Smith (org.), *At the end of the century: one hundred years of architecture*, Harry N. Abrams, Los Angeles, p. 101-125.

WILSON, Colin St. John, 1994a (1992) – "Gunnar Asplund and the dilemma of Classicism", in *Architectural reflections: studies in the philosophy and practice of architecture*, Butterworth Architecture, Oxford, p. 138-155.

— 1994b (1992) – "The Historical sense: T. S. Eliot's concept of tradition, and its relevance to architecture, in *Architectural reflections: studies in the philosophy and practice of architecture*, Oxford: Butterworth Architecture, p. 67-68.

RUI GARCIA RAMOS. Rui Jorge Garcia Ramos (1961) é arquiteto e professor na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). Atualmente leciona o atelier de Projeto do Mestrado Integrado, e a unidade curricular Cultura e Habitar do Programa de Doutoramento em Arquitetura da FAUP. É doutorado em Arquitetura pela FAUP e investigador do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo, no grupo Atlas da Casa, onde coordena diversos projetos. Tem como principais áreas de estudo os dispositivos espaciais da casa; a relação entre processos culturais e formas de habitar; a questão identitária e arquitetura; e os programas habitacionais, sobre os quais tem diversos trabalhos publicados. É membro do Conselho de Administração da Fundação Arquiteto Marques da Silva, integra a Comissão Científica do Programa de Doutoramento em Arquitetura da FAUP e é subdiretor do Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da FAUP.

Lista do trabalhos publicados em: http://sigarra.up.pt/faup/pubs_pesquisa.querylist?p_codigo=226905
Curriculum extenso em: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=6819641346034131>
Grupo de investigação Atlas da Casa (CEAU-FCT) <http://ceau.arq.up.pt/grupo.asp?id=6>